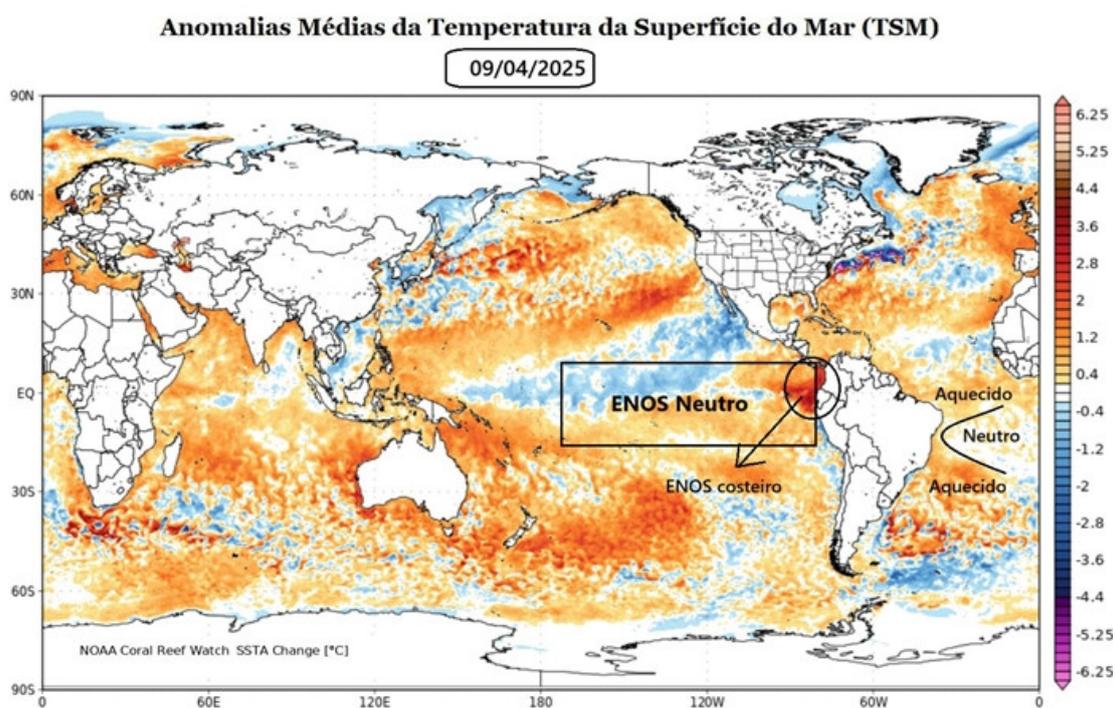


# O La Niña acabou, e agora? Saiba como fica o clima nas regiões brasileiras

Por Letras Ambientais

criado em: 13/04/2025 | atualizado em: 13/04/2025 15h14



O Centro de Previsão Climática (CPC) da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA) reconheceu que o La Niña já foi embora. O fenômeno atuava desde meados de dezembro, mas em intensidade muito

fraca. No último mês de março, a condição de neutralidade do [El Niño Oscilação Sul \(ENOS\)](#) retornou ao Pacífico equatorial.

O La Niña é a fase fria do ENOS, marcada por **temperaturas da superfície do Pacífico equatorial mais frias que o normal**, em relação à média. No final de março, as temperaturas da superfície do mar naquela região se aproximaram da média, sinalizando que o [La Niña desapareceu](#).

A **mudança de La Niña fraco para neutro** é influenciada por vários fatores, incluindo flutuações nos ventos alísios, pressão atmosférica e temperaturas oceânicas. O ENOS é considerado em [estado climático neutro](#) quando regiões do Pacífico central e oriental apresentam anomalias de temperaturas entre 0,5 °C e -0,5°C.

Segundo Humberto Barbosa, fundador do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)), **essa condição de neutralidade deve durar pelo menos até o inverno** (junho a agosto) no Brasil. A partir da primavera (setembro), as chances de La Niña ou El Niño retornarem começam a aumentar. Atualmente, [um verão com La Niña](#) parece mais provável do que com El Niño, no final de 2025 e início de 2026.

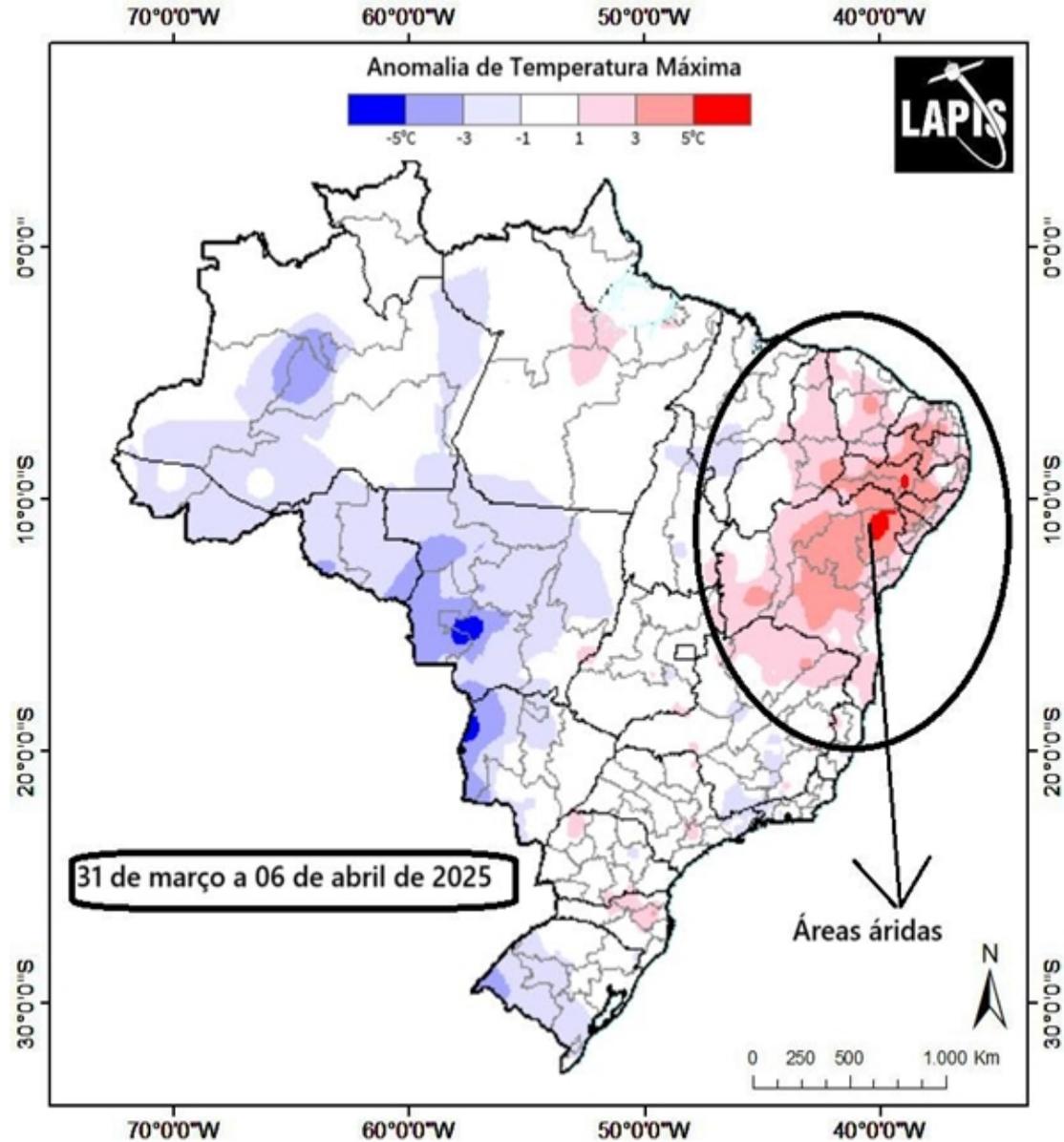
O ENOS neutro significa que as temperaturas da água do Pacífico equatorial não terão impacto previsível no padrão climático do Brasil. Com isso, outros sinais e **mudanças de padrão de curto ou longo prazo** são observados, para prever a situação climática das regiões do País. Espera-se que [esse](#)

[padrão de neutralidade continue](#) durante o inverno.

Por outro lado, na costa oeste da América do Sul, as anomalias de temperatura já ultrapassam 2,8 °C acima da média, **caracterizando um evento de El Niño costeiro**. Esse fenômeno tende a ter impacto mais localizado, inclusive sobre o clima da região Centro-Norte do Nordeste do Brasil.

>> **Leia também:** [Laboratório divulga previsão climática para as regiões brasileiras no próximo trimestre](#)

## Áreas áridas do Brasil enfrentaram calor extremo de 5 °C acima da média



O Laboratório Lapis lançou um novo mapa de monitoramento da condição de [calor extremo nas regiões brasileiras](#). Baseado em dados do satélite Meteosat Terceira Geração (MTG-I), **o mapeamento destaca anomalias de temperatura máxima**, no período de 31 de março a 06 de abril deste ano. O termo “anomalia” indica o desvio da temperatura de determinado momento, em relação à média histórica.

Você pode observar, no mapa, que o Semiárido brasileiro foi **impactado por temperaturas de até 5 °C acima da média histórica**, durante o período. Ou seja, as temperaturas estão mais altas na região do que eram no passado, com dias com ondas de calor e dias com calor extremo mais frequentes.

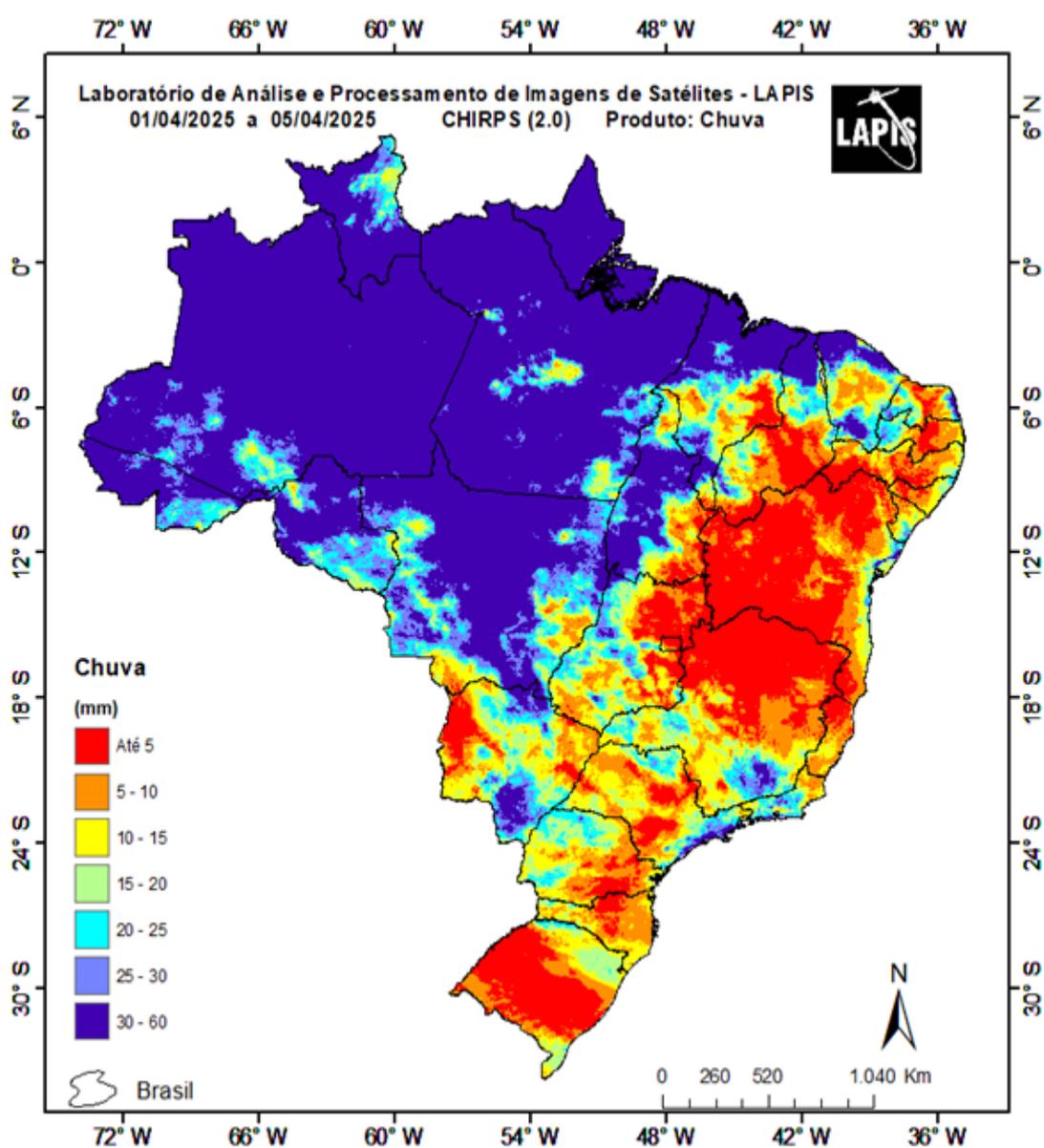
No mapa, as cores em vermelho e rosa **destacam áreas que estão se tornando mais quentes**, em ritmo duas vezes maior do que as áreas subúmidas secas, ou seja, do que o Agreste (subúmidas secas).

Essas áreas mais quentes coincidem com o mapeamento feito pelo Laboratório Lapis, que **identificou áreas áridas em 8% das terras do Semiárido brasileiro**. O estudo também concluiu que 55% das áreas de Agreste se tornaram semiáridas, nas últimas três décadas. Acesse o estudo completo [neste post](#).

Sobre o Semiárido brasileiro, as áreas de calor extremo (em tons de vermelho e rosa, no mapa), apresentam os seguintes impactos: 1) **Déficit severo de precipitação**, aumentando o [risco de incêndios florestais](#); 2) Baixos níveis das água, que impactam diretamente o transporte fluvial e terrestre, afetando a economia da região; 3) Solo seco, com déficit de umidade a longo prazo.

>> **Leia também:** [Calor extremo atingiu cerca de 60% da população brasileira em fevereiro](#)

## Mapa mostra distribuição das chuvas nas regiões brasileiras



O mapa da precipitação, baseado em dados de satélite, destaca a distribuição das chuvas nas regiões brasileiras, no período de 01 a 05 de abril. De acordo com o **monitoramento semanal do Laboratório Lapis**, a seca predominou desde a área central do Rio Grande do Norte até o norte de Minas Gerais. A situação de seca se deve à influência de uma massa de ar seco persistente, desde o início de fevereiro.

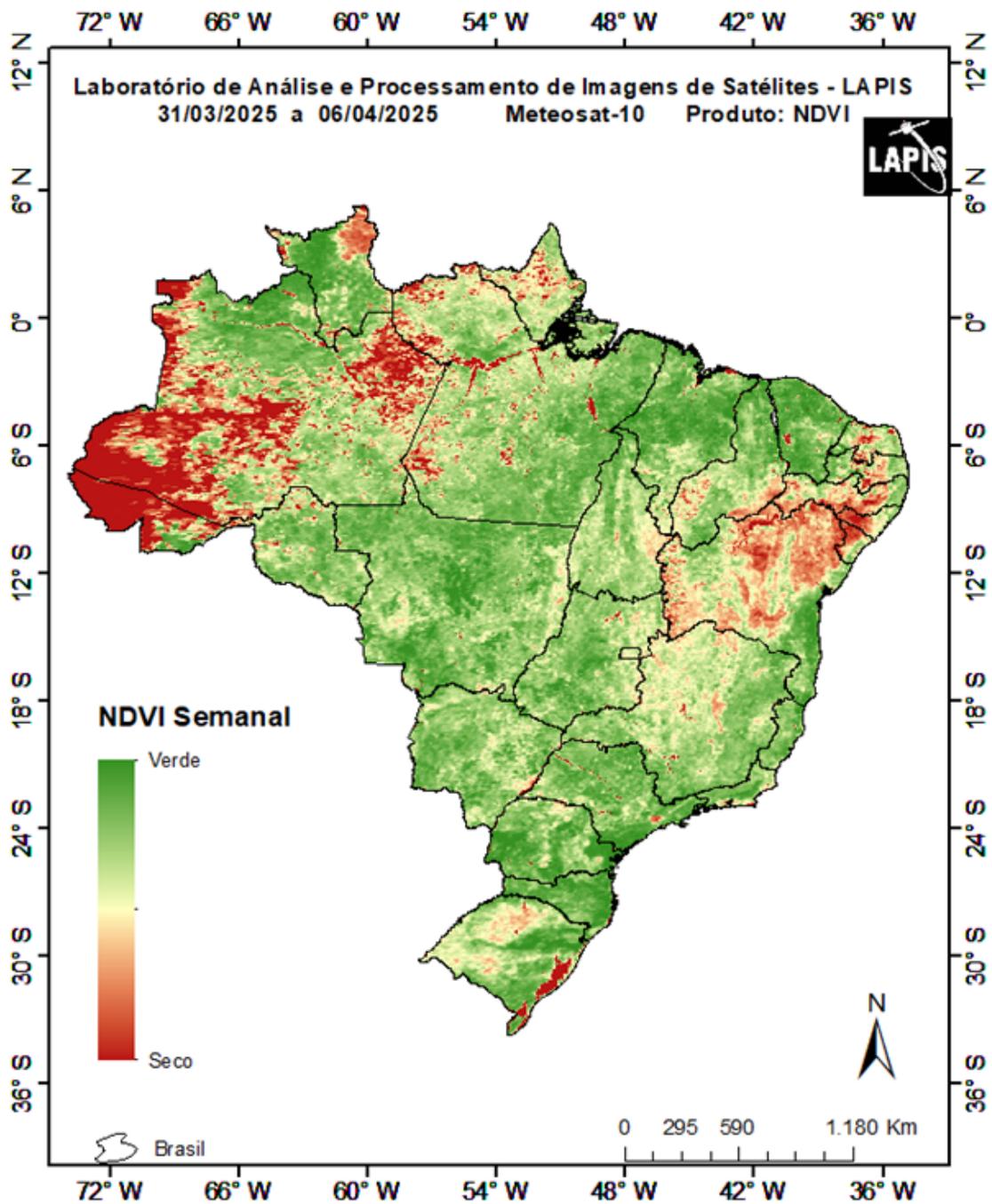
O mapeamento também destaca **chuvas regulares em áreas da porção norte do Nordeste**, região Norte e Mato Grosso, durante o período. Já no Centro-Sul, as chuvas foram irregulares.

O mapa da precipitação faz parte do **portfólio de produtos de monitoramento por satélite**, do Laboratório Lapis. Com essa ferramenta, é possível se manter atualizado sobre a distribuição das chuvas, em qualquer área do território brasileiro, com frequência mensal ou semanal.

O mapa semanal foi gerado no software livre QGIS, a partir do cálculo do Índice de Precipitação Padronizado (SPI). Esse índice de seca permite analisar a **duração, frequência e gravidade das secas meteorológicas**, usando dados do *Climate Hazards Group InfraRed Precipitation with Station data* (CHIRPS).

>> **Leia também:** [Meteorologista explica por que chegada do El Niño ainda vai demorar](#)

## Mapeamento mostra situação da cobertura vegetal no Brasil



O Laboratório Lapis monitora semanalmente a **situação da cobertura vegetal nas regiões brasileiras**, a partir de dados de satélites. O mapa foi gerado no *software* livre QGIS, a partir do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI), com dados do período de 31 de março a 06 de abril.

Você pode observar, no mapa, a **recuperação da cobertura vegetal** em quase todo o Brasil, principalmente em áreas do Centro-Sul. Todavia, em áreas do Nordeste, o mapa apresenta cobertura vegetal com sinais de seca.

Você pode observar que do Rio Grande do Norte até a Bahia, as áreas em vermelho e amarelo indicam, respectivamente, seca forte e moderada. Em outras localidades, o vermelho mais intenso **coloca em evidência as áreas degradadas na região**.

A demora na recuperação da cobertura vegetal do Nordeste se deve à **memória da longa seca e altas temperaturas** enfrentadas pela região.

Desde o último mês de fevereiro, uma massa de ar seco atinge grande parte da região, inibindo os sistemas geradores de chuva.

O mapa foi processado com dados do satélite Meteosat-10, com resolução de 3 km. O NDVI é **um dos indicadores mais importantes** para monitoramento das áreas com vegetação saudável ou sob impactos da seca.

Em 2009, o Laboratório implantou um protótipo para gerar o mapa de NDVI de frequência diária, para todo o Brasil. Esse modelo foi aperfeiçoado e calibrado, de modo que hoje, são divulgados **mapas semanais cobrindo todo o território brasileiro**. O produto foi processado com dados do satélite Meteosat-10 e resolução de 3 km.

>> **Leia também:** [Pesquisa mostra como manejo do fogo combate à mudança climática na Amazônia](#)

# Mais informações

Os mapas e produtos de satélites utilizados neste post fazem parte do portfólio de produtos de monitoramento do Laboratório Lapis. **Se você quer aprender a dominar o software livre QGIS**, para gerar mapas e produtos de monitoramento por satélite, você tem a oportunidade de **passar 01 inteiro sendo treinado** pela equipe do Laboratório Lapis. Para dominar as Geotecnologias, até o nível avançado, inscreva-se para o [Curso de QGIS “Mapa da Mina”](#).

## COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Copyright © 2017-2025 Letras Ambientais | Todos os direitos reservados | Política de privacidade

